



FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): uma visão protestante acerca da luta pelos direitos civis.

Vinícius Almeida Teixeira

Graduando em História

PUC - GO

viniciusalmeidadeixeira@yahoo.com.br

RESUMO

Martin Luther King Jr. foi um pastor norte americano, que lutou pelos direitos civis dos negros e pastoreava uma Igreja Batista, em Montgomery, no estado do Alabama - Estados Unidos da América. Sua atuação na luta pela garantia dos direitos dos negros foram tão expressivas que lhe resultou no Prêmio Nobel da Paz, concedido em 1964, pois em suas manifestações sempre exaltava o pacifismo. O filme a ser analisado, Selma: Uma luta pela liberdade (2014) foi dirigido por Ava DuVernay, a primeira diretora negra a ser indicada para o prêmio Globo de Ouro. Esta obra demonstra uma parte da vida deste ícone da resistência, ocorrida na cidade de Selma, no estado do Alabama. A questão é a luta pelo direito ao voto da população negra, sendo de grande relevância as cenas que mostram a estratégia pacífica do grupo ativista negro. Nosso intento é articular tal modo de resistência defendido por Luther King com os princípios cristãos protestantes, ou seja, como o filme relaciona uma fé evangélica a ação política.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos civis negros, protestantismo, resistência pacífica, cinema.

Por mais que eu deteste a violência, existe um mal pior do que a violência: a covardia.

Martin Luther King Jr.

Martin Luther King Jr. nasceu em 15 de Janeiro de 1929, na cidade de Atlanta no estado da Georgia nos Estados Unidos da América. Em 1951, formou-se em Teologia pela Faculdade de Crozer e em 18 de junho de 1953 casou-se com Coretta Scott, sua companheira na luta pela igualdade civil dos negros. Foi ordenado pastor e assumiu a liderança da Igreja Batista da Avenida Dexter, Montgomery – Alabama, em 1954.

O filme que aqui analisado, *Selma: Uma luta pela liberdade – 2014*, é um episódio da luta de Luther King Jr. pelos direitos dos negros ao voto, pois na cidade de Selma no estado do Alabama os negros eram cerceados do direito de voto. A película aborda questões como a articulação do movimento de marcha até Montgomery, capital do Alabama, para reivindicar o direito, a presença constante do protestantismo e a militância pacifista do movimento. Por outro lado, demonstra o conflito com política “branca”, representada pelo governador do estado do Alabama George Wallace e pelo desconforto da situação por parte do presidente Lyndon Baines Johnson.



O CAMINHO DO HERÓI

Podemos relacionar a esse episódio da vida de Martin Luther King Jr., como é retratado no filme, com a caminhada do herói, descrita por Joseph Campbell. O autor a analisou no livro *O herói de mil faces* (1997). O nosso protagonista se comporta como tal: representante do movimento negro dos Estados Unidos, passa por aflições, descritas por Campbell, na caminhada penosa.

Observe-se que o herói tem vários desafios em sua jornada. Os desafios apresentam-se até mesmo para confirmar a sua “chamada” como herói, como representante de um propósito maior. Ele é aquele que sacrifica sua vida pela dos demais, aquele que se priva da convivência familiar para dedicar-se à luta de todo um povo, de toda uma nação, como um mártir do movimento. No caso de King, isso realmente ocorreu com seu assassinato no dia 09 de abril de 1968.

É importante entendermos que por mais que Luther King seja visto na história como herói, o grande representante de um movimento de direitos civis dos afroamericanos, estamos falando de um homem dotado de erros, pecados e limitações. Este aspecto é comprovado quando o filme apresenta para o espectador duas situações. O primeiro quando o personagem principal da trama acende um cigarro e começa a fumá-lo (01’31”50) e quando sua esposa tem acesso a momentos gravados em áudio de uma traição de King (01’01”02). Mas como é possível um pastor batista cometer tais atitudes? A resposta para o questionamento se dá quando lembramos que o indivíduo é um ser pecador, como ressalta a teologia protestante. Tal como o rei Davi bíblico, que era “o homem segundo o coração de Deus” (Atos 13,22). Por mais que o personagem bíblico possuísse a aprovação divina, este ainda não perdeu suas características humanas, pois adulterou com Bete-Seba (2 Samuel 11,4) e planejou a morte do esposo da moça Urias (2 Samuel 11,15).

Na jornada do personagem, ele passa por testes para provar se está pronto ou não para a batalha. Isso acontece quando King chega à cidade de Selma e leva um soco na face desferido por um branco (00’15”40). A cena mostra a capacidade de suportar a dor, o desaforo e os descontentamentos da vida, o que simboliza a vida cristã evangélica. Basta lembrar do princípio



dentro do cristianismo de “dar a outra face”. A atitude é de suma importância para que suas obras sejam aprovadas pela vontade divina, o que caracterizará *O caminho de provas* tratado por Campbell.

Todavia, em algum momento do caminhar do herói, será necessário o consolo divino, escutar “a voz de Senhor”. Nesse instante, surgem os auxiliares, pois segundo Joseph Campbell “O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região”, (Campbell, p. 57, 1997).

O fato se apresenta no momento em que Luther King liga para Mahalia Jackson, a conhecida cantora gospel, para pedir que ela cante para ele, pois “precisava ouvir a voz do Senhor” (00’20”29).

A IGREJA EVANGÉLICA COMO LOCAL DE IDENTIDADE

Na trama observamos uma imagem muito frequente: o ato das lideranças do movimento reunirem-se sempre na igreja para discutirem a respeito das próximas ações. Esse fato ressalta ser a igreja um local de identidade dos afroamericanos.

A igreja protestante negra é diferenciada, pois nela a todo momento se tenta confirmar a identidade negra, as atitudes negras, e demonstrar que Deus têm lugar no céu para aqueles que perecem aqui na terra. Um dos grandes exemplos para esse tipo de ideologia é o movimento da *teologia negra*, que teve início na segunda metade da década de 60 nos Estados Unidos. Ela refletia sobre o “Poder Negro” e a força política que seria necessária para os negros se estabelecerem como cidadãos de fato.

Nos protestos e nos livros publicados, sempre havia queixas sobre o uso do poder do branco para subjugar os negros. Já que os brancos não abriam o espaço para os negros, então o grupo afrodescendentes deveriam unir-se para conquistar o direito ao voto, protestar contra os abusos contra negros, contra os assassinatos e a violência em geral. Os criminosos não estavam



sendo julgados com justiça, pois o júri era branco e para se tornar um componente do júri seria necessário votar, o que não ocorria na cidade de Selma.

O progresso dos negros na década de 60 foi limitado para a classe média negra que era uma minoria. Então, lutas como a de King era de suma importância para o progresso dos afroamericanos. É importante lembrar as palavras de Gayraud S. Wilmore sobre o desejo de uma nação norte-americana justa:

Quando os líderes americanos resolverem trabalhar pelo bem-estar real do povo em vez de trabalharem para a guerra e destruição; quando os líderes americanos forem forçados a reconstruir as prioridades de nossas cidades de acordo com a agenda do país; quando os líderes americanos forem forçados pelo povo americano a deixar de usar mal e abusarem do poder americano; então não se ouvirá o grito pelo “Poder Negro”, porque a estrutura na qual funcionará todo o poder na América incluirá o poder e a experiência dos negros e dos brancos. (WILMORE – CONE, p.1986, p.32).

As palavras acima casam-se com o discurso mais famoso de Martin Luther King Jr., proferido em 28 de agosto de 1963 em Washington: “I Have a Dream”. Ali o reverendo propaga que tem o sonho de que um dia negros e brancos desfrutem dos mesmos benefícios. Os autores ainda advertem que é necessário utilizar ainda mais os recursos da igreja em prol da justiça social e que a reconciliação com os brancos é necessária (WILMORE – CONE, 1986, p. 35).

Então, observamos que a igreja é um local de muita importância dentro do filme *Selma*, pois, de um modo geral os protestantes negros organizaram-se politicamente a partir da igreja.

RESISTÊNCIA CIVIL: uma arma que não usa armas

Luther King foi um grande exemplo de resistência civil pacifista, diferentemente de seu compatriota Malcom X. Este último utilizava a violência contra a própria violência, pois dizia que o negro como nação tinha que lutar pela sua liberdade, pelos seus direitos, mesmo que para isso fosse preciso usar a força, armas ou qualquer ferramenta que fosse necessária.

A estratégia de King era usar o amor contra ódio, usar a igualdade contra a desigualdade, usar a resistência pacífica contra a violência. Tal prática foi aprendida com os



ensinamentos de Mahatma Gandhi sobre a *Desobediência Civil*, pois o pastor batista era grande admirador e leitor assíduo do líder hindu. Este cria que a resistência pacífica possuía muito mais eficácia do que a guerra, de tal modo que praticava a política do amor, que pode ser ligada aos ensinamentos bíblicos. Assim, Luther King acreditava que o negro necessitava de poder político para se defender.

O poder sendo exercido sem o amor, fatalmente causaria a violência como prática de coerção, como prática de dominação. Desta forma, quando o negro assumisse o poder, teria práticas discriminatórias contra os brancos.

A grande arma de suas práticas era o protesto, aliado sempre à resistência, como corrobora Marion Brepohl de Magalhães:

[...] o poder de resistir, que ao reclamar para si a primazia do amor sobre a violência, ultrapassava o consenso de que a política se fazia no diálogo entre governantes e governados ou de que era guerra por outros meios, mais sim como chance de ampliar o espaço da liberdade. (MAGALHÃES, p. 182, 2012)

Desta forma, o que King desejava era a liberdade e não uma nova forma de discriminação, de preconceitos, seu intento principal, demonstra o filme, era a formação de um *exército não violento*:

De um exército não violento. Deste exército exige-se coragem, coração, consciência, ânsia por liberdade e uma atitude intransigentemente democrática. Nesse exército, à diferença da luta armada, não faz sentido nem instrumentos repressivos nem qualquer hierarquia, mas sim a persuasão, fosse com palavras, fosse com atitudes, como o boicote, a resistência ao legal, mas não legítimo, a solidariedade com um fim em si mesmo. (Apud PADILLA, 1978, p. 178)

Na obra *Selma* existe uma cena que demonstra a resistência de forma muito particular. No momento em que os manifestantes liderados por King chegam ao Tribunal de Justiça de Selma para protestar contra a exclusão do voto (00'33"44), o chefe de polícia em um ato autoritário deseja passar entre os manifestantes, que estão de joelhos em atitude de resistência pacífica. Ao passar, ele empurra um senhor negro que não consegue ajoelhar-se em tempo hábil e consequentemente uma senhora negra (representada por Oprah Winfrey, uma das produtoras do filme) desfere um golpe na cabeça do chefe de polícia. Este, já caído, ordena: "peguem essa



crioula!”. Neste momento, a face do ator que representa King (David Oyelowo) fica angustiada ao ver os seus companheiros de luta apanhando, parece que ele sente a dor que os aflige, contudo não se move para agredir o xerife. O líder acredita que a arma mais eficaz é o diálogo, de modo que a característica mais marcante de King era a eloquência. Seus discursos uniam, de forma exemplar, o intelectual e o emocional, o religioso e o secular, o político e o estético (MAGALHÃES, p. 190, 2012).

CONCLUSÃO

Em nossa breve análise do filme *Selma: Uma luta pela liberdade (2014)* entendemos que a grande contribuição do filme é apresentar a figura de Martin Luther King como um ativista negro que utiliza a técnica do pacifismo para reivindicar os direitos de igualdade para os negros e no combate ao preconceito exercido sobre os indivíduos de cor.

Cabe lembrar que com este filme uma diretora negra, Ava DuVernay, foi indicada ao Globo de Ouro como melhor diretora pela primeira vez¹. A propósito, a academia de cinema norte americana não costuma atribuir prêmios a diretores negros, tratando-se do Globo de Ouro, somente dois outros diretores negros foram indicados ao prêmio, Spike Lee, em 1990, com *Faça a coisa certa*, e Steve McQueen, com *12 anos de escravidão*, em 2013.

O filme teve sucesso de público, com a bilheteria do filme atingindo a marca de 49,5 milhões de dólares nos Estados Unidos². Sua trilha sonora *Glory* cantada por John Sephens e Lonnie Lynn foi premiada como melhor trilha sonora no *Oscar 2015*³, e ao pegar a estatueta John Sephens e Lonnie Lynn discursaram a respeito da luta pela liberdade civil negra. Eles ressaltaram a presença do Dr. King e disseram que a ponte Edmund Pettus, marco histórico explorado pelo filme, deveria ser patrimonializada. O lugar foi cristalizado na cabeça dos populares e ativistas como um marco de luta pela resistência civil.

¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/12/diretora-de-selma-e-1-mulher-negra-ser-indicada-ao-globo-de-ouro.html>

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/02/1594098-veja-as-bilheterias-dos-8-longas-indicados-a-categoria-melhor-filme-no-oscar-2015.shtml>

³ Disponível: <http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2015/noticia/2015/02/veja-os-ganhadores-do-oscar-2015.html>



A marcha de Selma para Montgomey, realizada no dia 7 de março de 1965 ficou conhecida como o *Domingo Sangrento (Bloody Sunday)* e hoje é um marco do direito de voto civil. Todos os anos milhares de pessoas fazem a mesma caminhada de aproximadamente 87 quilômetros para relembrar o momento. No dia 07 de março de 2015 é comemorado o 50º aniversário do *Domingo Sangrento*. Neste ano, o presidente Barack Obama compareceu com sua esposa e suas duas filhas para celebrar ali. Em seu discurso, para cerca de 40 mil pessoas, ressaltou que a “longa sombra” do racismo ainda estava presente nos Estados Unidos⁴.

O filme se faz muito importante para promover a divulgação do movimento. O cinema, portanto, foi utilizado como ferramenta pedagógica para atender essa demanda. Agora, o longa metragem pode ser utilizado em escolas e nos próprios lares para a divulgação de um tema tão presente nos Estados Unidos, no Brasil e em todo o mundo de colonização branca.

FILME ANALISADO

Selma: Uma luta pela liberdade. Dir. Ava DuVernay, 2014.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1997.

MAGALHÃES, Marion. *A recusa à alteridade in Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

NETO, Afonso Henrique de Guimaraens e Lima, Alencar Bastos Guimarães. *Biblioteca de História Grandes Pensadores de todos os tempos – Luther King*. São Paulo: Editora Três, 1974.

PADILLA, Renê. *Marin Luther King y el poder del amor*. Certeza, Buenos Aires, n. 18, p. 178-181, abr/jun. 1978. p. 178. Tradução de Marion Brepohl de Magalhães.

WILMORE, Gayraud S. e CONE James H., editores. *Teologia Negra*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SITES

⁴<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,obama-vai-a-selma-para-evento-que-lembra-o-dia-sangrento,1646403>



Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/12/diretora-de-selma-e-1-mulher-negra-ser-indicada-ao-globo-de-ouro.html>

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/02/1594098-veja-as-bilheterias-dos-8-longas-indicados-a-categoria-melhor-filme-no-oscar-2015.shtml> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2015/noticia/2015/02/veja-os-ganhadores-do-oscar-2015.html>

1 <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,obama-vai-a-selma-para-evento-que-lembra-o-dia-sangrento,1646403>

http://picturingamerica.neh.gov/downloads/pdfs/Resource_Guide/Portuguese/Portuguese_PA_Resource_Book_Chapter_19B.pdf